

A relação entre o desemprego e o alcoolismo

The relationship between unemployment and alcoholism

La relación entre desempleo y alcoholismo

Recebido: 25/07/2022 | Revisado: 01/08/2022 | Aceito: 01/08/2022 | Publicado: 10/08/2022

Caio Kirk Albuquerque

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7752-3323>
Faculdade Santo Agostinho, Brasil
E-mail: caio.kirk@hotmail.com

Flávia Meira Moreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0699-6737>
Faculdade Santo Agostinho, Brasil
E-mail: flaviameira6@hotmail.com

Evelyn Silva Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6185-1103>
Faculdade Santo Agostinho, Brasil
E-mail: evelynssouza14@gmail.com

Luciano de Oliveira Souza Tourinho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0442-4658>
Faculdade Santo Agostinho, Brasil
E-mail: luciano.tourinho@itabuna.fasa.edu.br

Resumo

Entender a relação entre o desemprego e o aumento substancial do número de casos de alcoolismo, com a finalidade de auxiliar a criação de medidas de intervenção no que diz respeito à problemática. A medicina lida, habitualmente, com padrões de doenças que estão ligadas intimamente ao ambiente social existente, podendo variar de acordo com aspectos culturais e religiosos de determinados grupos étnicos e regiões da terra. Sendo assim, urge pensar na relação entre o desemprego e o aumento substancial do número de casos de alcoolismo, uma vez que o uso abusivo de álcool existe cada vez mais entre pessoas incluídas à vida produtiva e não ocasiona somente prejuízos pessoais e familiares, mas também prejuízos no ambiente profissional, como aumento de absenteísmo e maior probabilidade de acidentes de trabalho, trazendo efeitos deletérios na saúde do indivíduo. Dada a importância cultural estabelecida historicamente ao trabalho, o desemprego pode gerar uma vida sem significação e uma situação de vulnerabilidade social, a qual pode ocasionar uma desordem simbólica e psíquica, acarretando o desenvolvimento do alcoolismo.

Palavras-chave: Desemprego; Alcoolismo; Saúde mental.

Abstract

To understand the relationship between unemployment and the substantial increase in the number of cases of alcoholism, in order to help create intervention measures concerning this problem. Medicine usually deals with disease patterns that are closely linked to the existing social environment, and may vary according to cultural and religious aspects of certain ethnic groups and regions of the earth. Thus, it is urgent to think about the relationship between unemployment and the substantial increase in the number of cases of alcoholism, since alcohol abuse is increasingly common among people included in the productive life and causes not only personal and family losses, but also damages in the professional environment, such as increased absenteeism and greater likelihood of accidents at work, bringing deleterious effects on the individual's health. Given the cultural importance historically established to work, unemployment can generate a life without meaning and a situation of social vulnerability, which can cause a symbolic and psychic disorder, leading to the development of alcoholism.

Keywords: Unemployment; Alcoholism; Mental health.

Resumen

Comprender la relación entre el desempleo y el aumento sustancial del número de casos de alcoholismo, para ayudar a crear medidas de intervención en relación con el problema. La medicina suele ocuparse de patrones de enfermedades que están estrechamente vinculados al entorno social existente, y que pueden variar según los aspectos culturales y religiosos de determinadas etnias y regiones de la tierra. Por lo tanto, es urgente pensar en la relación entre el desempleo y el aumento sustancial del número de casos de alcoholismo, ya que el abuso del alcohol es cada vez más común entre las personas incluidas en la vida productiva y causa no sólo pérdidas personales y familiares, sino también daños en el entorno profesional, como el aumento del absentismo y la mayor probabilidad de accidentes en el trabajo, trayendo efectos nocivos para la salud del individuo. Dada la importancia cultural establecida históricamente

al trabajo, el desempleo puede generar una vida sin significación y una situación de vulnerabilidad social, lo que puede ocasionar un desorden simbólico y psíquico, acarreado el desarrollo del alcoholismo.

Palabras clave: Desempleo; Alcoholismo; Salud mental.

1. Introdução

A medicina tem como objetivo manter a qualidade de vida, promover o bem-estar individual ou coletivo, além de prevenir e combater doenças (Junior, 2013). Sob essa perspectiva, a medicina lida habitualmente com padrões de doenças que estão ligadas intimamente ao ambiente social existente, podendo variar de acordo com aspectos culturais e religiosos de determinados grupos étnicos e regiões da terra. Sendo assim, urge pensar na relação entre o desemprego e o aumento substancial do número de casos de alcoolismo, uma vez que o uso abusivo de álcool existe cada vez mais entre pessoas inclusas à vida produtiva e não ocasiona somente prejuízos pessoais e familiares, mas também prejuízos no ambiente profissional, como aumento de absenteísmo e maior probabilidade de acidentes de trabalho, trazendo efeitos deletérios na saúde do indivíduo (Fonseca, 2007).

A presente incursão teórica aborda as ciências médicas no que tange à Saúde Mental e suas vertentes na resolução de problemáticas ligadas a fatores culturais e hábitos de vida inerentes a população. Segundo o conceito da Organização Mundial de Saúde (OMS), saúde é compreendida para além da ausência de doença ou enfermidade, sendo um completo bem-estar físico, mental e social. Nessa mesma ocasião, a saúde mental também foi reconhecida como indispensável ao bem-estar dos indivíduos, sociedades e países (Bernardo, 2011).

Dessa forma, com a efetivação do progresso das ciências biológicas e comportamentais, observa-se que os responsáveis pela maior parte das doenças mentais e físicas são provenientes de uma intervenção de fatores biológicos, psicológicos e sociais. A Organização Mundial de Saúde considera o trabalho como um dos vetores significativos para o alcoolismo.

De acordo com Barros e Oliveira (2009), as dimensões do trabalho podem ser classificadas em psicológica, social, econômica e ontológica. A primeira define trabalho como constituição de identidade, de representação da subjetividade e realização pessoal. A segunda dimensão atribui um papel social e uma forma de inserção na sociedade por meio do trabalho, que também estrutura a organização social, sendo uma forma de sociabilidade humana. A dimensão econômica designa o trabalho como meio de sustentação econômica e material. Por fim, a dimensão ontológica pode ser caracterizada como forma de se humanizar, de se distinguir da atividade instintiva animal.

Nas sociedades capitalistas, o trabalho tornou-se elemento central na vida dos indivíduos transformando-se em uma condição para a sobrevivência e, independentemente de seu conteúdo, tornou-se um dever. Assim, a ausência de emprego, além de inviabilizar economicamente a sobrevivência do sujeito, causa uma sensação de falta de identidade capaz de pôr em risco seu equilíbrio biopsicossocial (Bezerra-Ribeiro, 2008).

Nesse contexto, faz-se viável a aplicação da linha de raciocínio de Nascimento (2000), pela qual os mesmos afirmam que o indivíduo se encontra diante de uma identidade carregada de pré-conceito tão grande, aonde ele não se é visto como quem “está” desempregado, ele “é desempregado”, o que traz alusão à incompetência, conduzindo-o a uma rejeição de si próprio e conseqüentemente ser rejeitado pela sociedade, desencadeando assim diversos outros efeitos socioculturais, dentre eles, o desenvolvimento do alcoolismo.

Do ponto de vista da saúde o alcoolismo é uma doença crônica, com aspectos comportamentais e socioeconômicos, caracterizada pelo consumo compulsivo de álcool, na qual o usuário se torna progressivamente tolerante à intoxicação produzida pela droga e desenvolve sinais e sintomas de abstinência, quando a mesma é retirada (Varela, 2011).

2. Metodologia

O artigo trata-se de uma revisão da literatura, em que foram analisadas e efetivadas as seguintes etapas: identificação da questão da pesquisa, busca na literatura, categorização e avaliação dos estudos, interpretação dos resultados e síntese do conhecimento. O questionamento norteador da revisão de literatura consistiu em: “o desemprego tem influência na crescente taxa de alcoolismo?”

Foram usadas as bases de dados Brasil Scientific Electronic Library Online – SciELO e National Library of Medicine e National Institutes of Health (MEDLINE), acessada por meio do sistema PubMed. Para os resultados foram analisados os mais relevantes estudos publicados nas línguas portuguesa e inglesa, contemplando o acervo existente até o ano de 2020. A fim de identificar os estudos que contemplariam os resultados, foram lidos em primeiro momento títulos, resumos e palavras-chave envolvendo: álcool, alcoolismo, desemprego, sociedade, psiquiatria e atenção em saúde mental.

Os critérios de inclusão postos para esta revisão foram: estudos envolvendo a relação entre o alcoolismo e o desemprego, publicados até o ano de 2020 em inglês e português. Além disso, foram utilizados como critérios de exclusão, estudos sem resumo disponível; artigos do tipo: revisões bibliográficas não sistematizadas, cartas, resenhas, editoriais, reflexões, publicações do tipo publicações governamentais e boletins informativos. Dessa forma, todos os artigos encontrados foram analisados, buscando estabelecer a relação entre o desemprego e o desenvolvimento do alcoolismo bem como o impacto de tal ligação na sociedade.

3. Resultados e Discussão

O presente trabalho apresenta grande relevância na organização psíquica, formação da identidade e socialização contemporânea (Valentim *et al.*, 2014). Levando em consideração a centralidade do labor, é de extrema importância conhecer os possíveis agravos à saúde provocados pela situação de desemprego. Nesse espectro encaixa-se o alcoolismo.

O alcoolismo é considerado uma doença crônica pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e incluso na CID-10 (Classificação Internacional de Doenças), enquadrando-se entre as doenças que provocam transtornos mentais e de comportamento. Sua compreensão é fundamental, visto que o mesmo se trata de um problema de saúde pública com custo social (Matias & Menezes, 2009).

A identificação da relação entre o desemprego e o alcoolismo torna possível uma melhor assistência ao indivíduo alcólatra: a visão do profissional de saúde sobre o paciente torna-se ampliada (aspectos emocionais e psicológicos passam a fazer parte do eixo clínico principal), a abordagem clínica é centrada em aspectos pontuais da relação dependência-patologia, o acompanhamento da evolução, bem como propostas de terapêutica tornam-se mais fáceis. Indiretamente, o índice de outras patologias relacionadas ao alcoolismo – como a cirrose hepática - também diminuem a partir do estabelecimento precoce da etiologia (Oshiro & Marques, 2017).

Ao longo da modernidade, diversas mudanças no mercado de trabalho e, dentro do contexto da globalização, formaram-se mercados altamente competitivos, movidos por políticas econômicas agressivas, que tem como produto um funcionário altamente dependente de forma econômica e psicológica. Assim, urge pensar nos trabalhadores em situação de desemprego e questionar o impacto social e psicológico provocado pelas transformações do mundo do trabalho, uma vez que o alcoolismo compromete várias esferas da vida do sujeito, tanto a biológica como a social, econômica (uma vez que grandes quantias de dinheiro são gastas no consumo de bebidas), profissional e familiar, cujo tratamento requer a inserção em processos profiláticos e terapêuticos de grande amplitude (Fonseca, 2007). Analisando a baixa taxa de assistência, como alcóolicos anônimos e assistência psicológica, a investigação das causas estruturais do problema primário, faz-se de suma importância.

Diante do exposto, emergiram duas variáveis a serem estudadas, sendo elas: O desemprego como condição social, o

alcoolismo como consequência na vida do desempregado

3.1 O desemprego como condição social

O desemprego tem sido objeto de preocupação nos contextos político, econômico e social, uma vez que a população de trabalhadores desempregados enfrenta diárias para a obtenção de trabalho/ou emprego, situação que gera intenso sofrimento psíquico e pode repercutir de modo negativo na saúde do trabalhador (Barros & Oliveira, 2009). O ponto de partida é a definição adotada do que vem a ser alguém considerado desempregado: aquele que está procurando emprego, ou recorrendo a formas alternativas de renda enquanto não encontra uma vaga, ou ainda, se não está em busca de emprego porque procurou por muito tempo, sem sucesso, e está aguardando para ver se surge alguma oportunidade (Pinheiro & Monteiro, 2007).

Na psicologia, Freud afirmava que o trabalho seria uma forma de equilíbrio na vida individual, ou seja, um vínculo do indivíduo com a realidade social. Através do trabalho o sujeito pode liberar impulsos fundamentais de sua libido, construir meios de sobrevivência e justificar a sua existência na sociedade. Nas teorias psicológicas de base materialista histórica o trabalho é um mediador fundamental na constituição da subjetividade do indivíduo, pois permite que possamos orientar nossos objetivos socialmente, assim como a nossa modificação contínua (Lima & Borges, 2002).

O desemprego promove mudanças no subgrupo familiar, alterando a sua dinâmica psicossocial e as mediações que estabelecem com o grupo social mais amplo. Consequentemente, os significados que adota sobre o desemprego e seus membros desempregados serão os primeiros mediadores a organizar a consciência individual. Quando adota as significações de caráter liberal que culpabilizam trabalhador desempregado e, portanto alteram os sentidos atribuídos aos mesmos e estes sentidos negativos são os que orientam a atividade do grupo para com o desempregado, e deste com a realidade, dificultando as suas atividades sociais e emocionais, principalmente (Silva, 2006).

A estrutura do trabalho passou por modificações que vieram intensificar o desemprego nas últimas décadas, como o aparecimento de novas tecnologias, a grande concorrência e uma maior exigência por parte do consumidor e das empresas. Uma leitura mais aprofundada acerca dessa questão, entretanto, revela que a diminuição dos postos de trabalho pode ser considerada, na realidade, apenas a ponta do iceberg de uma problemática mais complexa, que possui como característica marcante a precarização das condições e das relações de trabalho, grandes impactos na saúde biopsicossocial dos indivíduos, além do trabalho ser visivelmente valorizado em demasia pela política neoliberal das sociedades capitalistas (de Oliveira & Mendes, 2014).

A imagem e a autoimagem do desempregado moderno, sobretudo as das pessoas desempregadas por longo período, estão fortemente associadas a sofrimentos pessoais, a riscos de transtornos psicológicos potencialmente irreversíveis, à violência, à marginalização, a alguma deficiência pessoal grave, como o despreparo para lidar com equipamentos avançados, ao risco de desrespeito à propriedade privada, ao alcoolismo e à degradação do ambiente familiar. Resumidamente, uma ameaça à própria pessoa, à sua família e à coletividade, que, por sua vez, estigmatiza o desempregado (Oshiro & Marques, 2017).

Atualmente, como consequências causadas pela desenfreada globalização, defende-se ainda a centralidade do trabalho para o homem, como um verdadeiro sentido de vida, não pensando no homem desconsiderando essa categoria, propondo a concepção de que o desemprego priva o indivíduo de uma instituição social para além de benefícios da remuneração (Jahoda, 1998). Assim, as reações do desempregado à sua condição não são frutos apenas das perdas materiais que sofreu/sofre, mas da impossibilidade de expressar-se, desenvolver-se e deixar sua marca no mundo (Lima & Borges, 2002). Isso traz repercussões maiores quando se trata de situações adversas na busca fracassada pelo emprego, muitas vezes representando uma falha individual e consequentes problemas de saúde (Silva, 2006)

3.2 O alcoolismo como consequência na vida do desempregado

A definição de alcoolismo pela Organização Mundial de Saúde (OMS) aparece como sendo “uma doença de natureza complexa, na qual o álcool atua como fator determinante sobre causas psicossomáticas, preexistentes no indivíduo e para cujo tratamento é preciso recorrer a processos profiláticos e terapêuticos de grande amplitude”. O alcoolismo é considerado e cientificamente comprovado como doença crônica, provocada pelo vício em ingerir excessivamente e constantemente bebidas alcoólicas (do Rosário Cabral, 2016). Além de prejudicial à saúde, o alcoolismo pode prejudicar as convivências sociais, familiares e causar problemas no ambiente de trabalho.

Em relação às questões psicológicas, destacam-se ainda a violência contra outras pessoas, suicídios, falha de memória, podendo-se até mesmo chegar a um quadro de demência, desequilíbrio do controle emocional e prejuízos da função psicomotora e cognitiva. Outras consequências são as síndromes como alucinação alcoólica ou convulsões pela abstinência e retirada do álcool (de Oliveira & Mendes, 2014)

“Síndrome de dependência do álcool” e “uso nocivo de álcool” são categorias descritas no manual da Organização Mundial da Saúde (OMS), a Classificação Internacional das Doenças (décima versão). A categoria de uso nocivo é utilizada para descrever quadros em que levam a danos físicos, mentais ou sociais ligados de forma inequívoca ao consumo de álcool sem que haja a presença da dependência. Já o diagnóstico da síndrome de dependência é feito com a constatação de presença de três ou mais dentre seis critérios. Esses critérios não incluem somente os sinais mais tradicionalmente associados à dependência como compulsão, tolerância e síndrome de abstinência. Como consequência, situações variadas e singulares podem ser classificadas como síndrome de dependência do álcool (Duarte Filho, 2021).

O alcoolismo faz vítimas em todas as classes sociais, por ser uma droga de fácil acesso, lícita, na maioria das vezes de baixo valor comercial, sendo considerada por Lazo (1989) como sendo uma droga bastante poderosa e que mata mais pessoas que todas as drogas juntas (exceto o cigarro). Percebe-se que os problemas relacionados com o álcool não resultam apenas do exagerar na quantidade consumida, mas da ausência de controle da forma de consumo, como, quando e onde. Por isso o abuso de álcool gera dependência, depressão e instabilidade de personalidade.

Araújo (2007) destaca que “o alcoolismo é a reivindicação de um gozo infinito. O alcoolista busca a possibilidade do gozo e deseja ser reconhecido e respeitado como sujeito. É alguém que não tem receios, não para diante de barreiras ou limites, está disposto a ir até o fim na busca do prazer”.

Contemporaneamente, identificam-se quatro padrões de consumo de álcool: o consumo moderado, sem risco; o consumo arriscado, que tem o potencial de produzir danos; o consumo nocivo, que se define por um padrão constante de uso já associado a danos à saúde; e o consumo em binge, que diz respeito ao uso eventual de álcool em grande quantidade. O entendimento sobre a etiologia do alcoolismo é amplo, incluindo fatores biológicos, psicológicos e sociais (Tucci & de Oliveira, 2019).

No Brasil, o alcoolismo foi alvo do discurso médico-higienista. No início do século XX, campanhas antialcoólicas foram realizadas com público-alvo principal homens de classe popular. As campanhas eram baseadas em estereótipos de gênero: o homem teria de ser o “trabalhador-provedor” e a mulher a “perfeita dona-de-casa” que garantiria um lar aconchegante para o marido e os filhos. O alcoolismo era apresentado como a antítese desses valores, associado à vagabundagem e ao crime, caminho para a destruição da família e para a animalização (Matos, 2018).

A falta de trabalho pode gerar uma vida sem significação e uma situação de vulnerabilidade social, a qual pode ocasionar uma desordem simbólica e psíquica. Estudos têm demonstrado que a situação de desemprego pode acarretar: conflitos no relacionamento familiar e social do sujeito; isolamento social; ocorrência constante de uso de álcool ou de outras drogas; apelo anormal para a religião ou esporte; ou agravamento de problemas sociais, como por exemplo, a criminalidade e a informalidade do trabalho (Barros & Oliveira, 2009).

O álcool, associado a outros fatores extrínsecos, como situações de estresse no âmbito do trabalho, baixos salários, jornadas excessivas de trabalho, dentre outros, acabam por tornarem-se como portas de entrada para outras substâncias causadoras de dependência. Entre os efeitos nocivos do uso de derivados etílicos no ambiente de trabalho, além da frustração consta também insatisfação, conflitos com companheiros e chefes, menor oportunidade de promoção, estresse (Tucci & de Oliveira, 2019).

O alcoolismo, se comparado os outros problemas de saúde, é responsável por gerar três vezes mais licenças médicas, aumentar em cinco vezes as chances de acidentes de trabalho, aumentar em oito vezes a utilização de diárias hospitalares e levar as famílias recorrerem três vezes mais as assistências médica e social. Visto que o aumento de consumo de álcool eleva também a gravidade dos problemas decorrentes, conseqüentemente o custo social será maior. Os investimentos realizados não estão conseguindo reduzir os problemas decorrentes tais como criminalidade, acidentes, violência doméstica, absenteísmo, desemprego (Laranjeira *et al.*, 2007).

Da Silva *et al.* (2021) defendem que uma pessoa consome álcool abusivamente por diversos motivos, podendo-se citar alguns exemplos como a necessidade de álcool para aceitar a realidade, a tendência a fugir às responsabilidades, a angústia, agressividade, má resistência às frustrações e tensões; o nível de consciência tende a levá-lo a uma conduta impulsiva, negligente perante a família, frequentes perdas de emprego, problemas financeiros, agressividade perante a sociedade. Poderá haver algum contributo genético que facilite a dependência do álcool, mas fatores culturais são, sem dúvida, os mais importantes.

De acordo com Barros e Oliveira (2009) a maioria dos tratamentos procura ajudar pessoas a diminuir o consumo de álcool, seguindo-se por mudança de hábitos ou suporte social de modo que ajude a pessoa em resistir ao consumi-lo. Como o alcoolismo envolve múltiplos fatores que incentivam a pessoa a beber, todos esses fatores devem ser suprimidos para que se previnam com sucesso os casos de recaídas. Assim, o paradigma de redução de danos se afirma como possibilidade de trabalhar para melhorar a qualidade de vida e o autocuidado de usuários problemáticos de álcool, mesmo sem a prescrição da abstinência como objetivo primeiro ou último.

4. Considerações Finais

Sendo assim é possível concluir que o trabalho, tal como o conhecemos, encontra-se instituído culturalmente na sociedade, sendo o ideal de ego de nossa época e única forma de existir no imaginário de uma sociedade. No entanto, o desemprego é visto como exceção, indicando a incapacidade daquele suposto indivíduo trabalhador. Nesse viés, o reconhecimento e prestígio social possui alta significância para o equilíbrio biopsicossocial do indivíduo desempregado. Com o desemprego, surge uma experiência de incapacidade e junto a ela problemáticas de dimensões quantitativas e implicação econômica e social, pois, o consumo de bebidas alcoólicas associadas à essa situação pode ser decorrente da prática defensiva em decorrência dos efeitos farmacológicos próprios do álcool: calmante, euforizante, estimulante, relaxante, indutor do sono e anestésico. Assim, no atual estudo, estabelece-se a relação entre o alto índice de desemprego que acomete principalmente os grupos mais jovens e também os adultos que trabalham, como problemática sociocultural abordada contextualmente com o grande número de casos de alcoolismo presentes no grupo de conseqüências do desequilíbrio biopsicossocial causado pelo desemprego. Por isso, se promovido o encaminhamento prévio de trabalhadores com uso problemático de álcool aos serviços de saúde, além de programas preventivos direcionados àqueles que ainda não desenvolveram um transtorno relacionado ao uso de álcool, mas já apresentam problemas decorrentes do uso dessa substância, haverá uma diminuição dos casos de alcoolismo em pessoas com idade produtiva.

Referências

- Araujo, I. D. S. (2007). *Alcoolismo como processo: da identidade construída à (des) construção da pessoa* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Barros, C. A. D., & Oliveira, T. L. D. (2009). Saúde mental de trabalhadores desempregados. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 9(1), 86-107.
- Bernardo, M. H., Nogueira, F. R. C., & Büll, S. (2011). Trabalho e saúde mental: repercussões das formas de precariedade objetiva e subjetiva. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63, 83-93.
- Bezerra-Ribeiro, M. (2008). Percepção de suporte social e consumo de álcool em desempregados.
- da Silva, M. J. V., de Sousa, S. N. V., & de Carvalho, C. R. (2021). Impacto do alcoolismo na vida social e familiar. *Revista de Divulgação Científica Sena Aires*, 10(3), 481-492.
- de Oliveira, J. N., & Mendes, A. M. (2014). Sofrimento psíquico e estratégias defensivas utilizadas por desempregados: contribuições da psicodinâmica do trabalho. *Temas em Psicologia*, 22(2), 389-399.
- do Rosário Cabral, L. (2016). Alcoolismo juvenil. *Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health*, (30), 172-188.
- Duarte Filho, J. (2021). Impacto Do Alcoolismo Na Saúde E Na Vida Social: Uma Revisão Da Literatura.
- Fonseca, F. F. D. (2007). Conhecimentos e opiniões dos trabalhadores sobre o uso e abuso de álcool. *Escola Anna Nery*, 11, 599-604.
- Junior, M. S. (2013). Uma introdução à Medicina: o médico. In *Uma introdução à Medicina: o médico* (pp. 431-431).
- Laranjeira, R., Pinsky, I., Zaleski, M., & Caetano, R. (2007). Secretaria Nacional Antidrogas. I Levantamento Nacional sobre Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira. *CEBRID/UNIFESP [Internet]. Brasília: CISA*, 8-76.
- Lazo, D. M. (1989). Alcoolismo: o que você precisa saber. *São Paulo: Paulinas/Reindal*.
- Lima, M. E. A., & Borges, A. F. (2002). Impactos psicossociais do desemprego de longa duração. *Psicologia Organizacional e do Trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos. São Paulo: Casa do Psicólogo*.
- Matias, F. A., & Menezes, A. C. D. S. (2009). O Álcool E O Trabalho.
- Mattos, D. (2018). O impacto do desemprego e a saúde psicossocial. *Psicologia. pt*, 1-14.
- Nascimento, P. F. G. (2000). Não-provedores: gênero, desemprego e alcoolismo masculino em comunidade de baixa renda. *XXIV Encontro anual da ANPOCS*.
- Oshiro, F., & Marques, R. M. (2017). O desemprego na sociedade contemporânea. *Pesquisa & Debate. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política*, 28(2 (52)), 75-92.
- Pinheiro, L. R. S., & Monteiro, J. K. (2007). Refletindo sobre desemprego e agravos à saúde mental. *Cadernos de psicologia social do trabalho*, 10(2), 35-45.
- Silva, M. D. F. J. D. (2006). *Para onde vamos? A saúde física e mental de ex-empregados do mercado de trabalho formal, do ramo de metalurgia, que se encontram empregados/ocupados na informalidade. Um estudo comparativo entre Brasil e Argentina* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Tucci, B. F. M., & de Oliveira, M. L. F. (2019). Famílias de usuários de bebida alcoólica: aspectos estruturais e funcionais fundamentados no Modelo Calgary. *Rev Rene*, 20.
- Valentim, O., Santos, C., & Ribeiro, J. L. P. (2014). Vulnerabilidade ao stress em pessoas com alcoolismo.
- Varela, D. (2011). <https://drauziovarela.uol.com.br/drauzio/artigos/alcoolismo-artigo/>